

INICIAR A VIDA MILITAR COM O 25 DE ABRIL

————— Amadeu Romão

Quando em 22ABR74, (uma segunda-feira), assentei praça no RI7 em Leira (incorporação especial, para indivíduos com curso incompleto, para provas de selecção para o CSM), o que mais me preenchia o pensamento era o recente “Levantamento Militar das Caldas da Rainha”, levado a efeito em 16MAR74, por militares do RI5. Para uns, fora apenas um balão de ensaio. Para outros foi mesmo o princípio de uma revolução que só não atingiu os seus objetivos por falta de adesão de outras unidades.

Para mim, e para todos os outros que à data tínhamos iniciado o serviço militar, o 25 de Abril começou por ser apenas uma completa quebra das rotinas de instrução a que ainda mal nos habituáramos nos três dias de vida militar que tínhamos.

Quando a notícia chegou, logo de manhã, nessa quinta-feira, estávamos nas casernas fazendo a higiene e preparando-nos para mais um dia cheio quando, inesperadamente, os graduados nos impediram de sair, no que me pareceu ser mais uma surpresa das muitas a que já tínhamos sido sujeitos até aí.

Sem qualquer explicação e sem termos feito a formatura matinal, fomos conduzidos em grupos pequenos para tomar o pequeno-almoço, com as estações de rádio mudas de notícias e a transmitirem apenas música e a marcha das FFAA, tal era a indefinição que pairava sobre os acontecimentos.

No dia seguinte, sexta-feira, 26 de abril, já conhecedores, por alto, do sucesso do golpe militar, fomos de fim-de-semana, trajando à civil, contra a regra que antes nos tinha sido imposta e com muitas recomendações para não nos metermos em “confusões” fosse lá o que esta palavra significava.

Fui para Lisboa estar com a minha namorada, já grávida da minha filha mais velha. No sábado, os patrões dela, que eram uns diplomatas de um país da América Central (não me recordo qual) e me conheciam, não quiseram privá-la do meu convívio e deram-lhe “autorização de saída”, o que ultrapassava a sua habitual generosidade patronal.

Passeámos na baixa lisboeta, onde andava tudo em alvoroço: lojas fechadas, muita gente nas ruas, grupos de circunstância, um ou outro grito de “Viva a Liberdade” e “Vivam as Forças Armadas”, muitos militares ainda com cravos nos canos das suas G3, sem pose agressiva, antes serenos e inspiradores de confiança e paz.

Voltámos ao passeio, no domingo, e por lá nos demorámos a sentir a alegria e o pulsar dos passantes que, tal como nós, queriam respirar a nova atmosfera de liberdade e de esperança num mundo melhor, que parecia estar agora ao nosso alcance.

No fim da tarde, regressámos, cada um de nós, para a sua rotina: a minha companheira para a representação diplomática e eu para o RI7 para concluir a selecção. Fui selecionado para o CSM e enviado para o Destacamento da EPC em Santarém onde concluí a recruta. A especialidade já foi mesmo na EPC, onde tive o prazer de “conviver” com o saudoso Capitão Salgueiro Maia, que nos fez várias palestras referentes à situação que então se vivia (ele era o representante do MFA na EPC) e que, até à chegada do Capitão Cadavez, foi também, temporariamente, o meu Comandante de Esquadrão, pelo que, para além da sua presença na parada, as memórias mais vivas são das palestras que ele fez para nos esclarecer da situação.

Ele era homem simples que transmitia confiança pela sua figura imponente, pela estatura moral evidenciada, bem como no seu trato carinhoso e sedutor e também no conhecimento que mostrava ter da situação política e da condição militar. Enfim, era um carismático condutor de homens que nos cativava pela palavra e pelo exemplo e apetecia seguir até onde ele nos quisesse levar.

Pelo acima exposto se pode verificar que não tive oportunidade de participar nas ações revolucionárias, sendo a vivência dos dias passados até ao final do CSM apenas e só dedicados a aprender a ser militar. Contudo mentiria se, perante as notícias que iam chegando, não acalentasse a esperança, tal como a maioria de quem estava na minha situação, que já não seria preciso embarcar para África, esse sorvedouro de vidas jovens, palco de uma guerra sem fim à vista.

Mas tal não aconteceu e, passados cerca de nove meses de ter iniciado a vida militar, quase no final de uma recruta que estava a dar aos instruendos do CSM, recebi a informação de que estava mobilizado e iria formar Batalhão em Estremoz com destino a Angola.

No decorrer da formação do BCav 8322/74 e porque, entretanto, já tinha casado e a minha filha já tinha nascido, fui informado de que devia requerer o processo de amparo de família, o que fiz e até mereceu despacho favorável; mas, como a legislação ainda estava muito em estado embrionário, estive poucos dias de licença registada e um dia recebi um telegrama com a seguinte frase “para tratar de assunto do seu interesse deve apresentar-se no Regimento de Cavalaria de Estremoz”.

Lá fui saber do que se tratava e a novidade é que não podia ser considerado amparo porque, como Furriel graduado, teria um vencimento de 4.700\$00 o que ultrapassava os 900\$00 “per capita” exigidos pela legislação. O despacho foi revogado e eu, não tendo fardamento camuflado nem feitas outras diligências necessárias para embarcar com o Batalhão, recebi dinheiro para comprar o fardamento nas OGFE; e fui apresentar-me no Batalhão de Adidos, em Lisboa, onde fiquei a aguardar voo individual de Lisboa para Luanda. A primeira noite passada em Luanda foi de constante “foguatório”, que passava por cima do nosso Aquartelamento.

Depois de alguns dias na cidade, segui num Noratlas com destino a Henrique de Carvalho (Saurimo) para me reunir à 1ª Companhia do BCav 8322/74 que aí tinha aquartelamento.

Nessa missão de paz e de soberania, destinada a preparar a independência de Angola, e depois de algumas convulsões, (combates entre MPLA, UNITA e FNLA¹, em que a Companhia teve de intervir para estabilizar a situação e eu estive bastante ativo nessas situações), o Batalhão deixou o Leste de Angola e a minha Companhia foi para Cambambe, fazer segurança à barragem ali existente, que estava em vias de ser considerada alvo de sabotagem por parte dos revoltosos.

Regressei a Portugal (ao Puto, como era conhecido por lá) em 30OUT75. Passei à disponibilidade e, após descansar alguns dias, apresentei-me ao trabalho no Hotel Atenas, para ali reassumir as minhas anteriores funções de rececionista. Porém agora a “música era outra” e, em vez de ter turistas como clientes, tinha militares, dado que o Hotel, com todo o seu pessoal, fora alugado à Manutenção Militar, para ali ser constituída a Messe de Sargentos.

(1) MPLA, UNITA e FNLA eram movimentos armados angolanos.

(Posteriormente, a Manutenção Militar compraria o Hotel e assimilaria todo o pessoal como seus funcionários).

Durante o tempo em que aqui trabalhei, deram-se algumas perturbações da ordem pública que originaram situações de recolher obrigatório e algum cuidado nas deslocações de casa para o trabalho e de volta a casa, principalmente para quem, como eu, saía do trabalho à meia-noite. É que há sempre alguém que aproveita a liberdade para manchar o ambiente de fraternidade, segurança e alegria que andava nas ruas. Recordo-me mesmo da dificuldade que tive para chegar a casa na noite em que aconteceu a Crise/Golpe de 25NOV75, em que se falava de uma contrarrevolução capaz de fazer voltar tudo ao sistema ditatorial de antes do 25ABR.

Mas a Revolução estava em marcha. Com muito poucas exceções, os militares aderiram à liberdade trazida pelos Capitães de Abril e discutiam abertamente as condições do país e da sua profissão. Os Sargentos que utilizavam a Messe também se manifestavam e conviviam sem receios de serem denunciados; e eu cheguei a travar amizade com alguns que, orgulhosos da sua profissão, me aconselhavam e até pressionavam para ingressar nas fileiras.

Foi o que acabei por fazer, depois de ponderar muito bem o que poderia ser o futuro da minha família, se eu aceitasse vestir a farda e todas as suas inerentes obrigações em termos de disponibilidade para o serviço e para as deslocações.

Felizmente, a guerra tinha terminado e o receio de ser mobilizado, ferido ou morto não tinha já razão de ser, graças à coragem de militares como o meu capitão Salgueiro Maia.

Então, concorri ao 4º Curso de Formação de Sargentos e lá fui para o quartel da Cruz Alta, em Lamego, com uma licença sem vencimento obtida com a generosidade do meu patrão e a compreensão do Gerente da Messe de Sargentos.

Fui encontrar nos camaradas de Lamego o mesmo entusiasmo e empenho em vir a fazer parte de uma classe profissional que tanto tinha feito pelo país e tanto honrava quem lhe pertencesse.

No final do curso de Mecânico de Armamento e Torre, feito na antiga EPSM em Sacavém, todos foram colocados nas unidades escolhidas, mas o Pimentel e eu, primeiros classificados do curso, fomos deslocados para o Re-

gimento de Cavalaria de Estremoz, curiosamente a Unidade onde eu já tinha estado durante a formação do BCav 8322/74 e no qual eu servi em Angola.

Por uma agradável coincidência, o TCor Antero Correia de Araujo, que fora 2º Cmdt deste batalhão e era agora 2º Cmdt do RC3, tendo-me reconhecido como seu antigo Furriel de Cavalaria e vendo-me agora a pertencer ao Serviço de Material, logo me disse, em tom de brincadeira:

– Então, Romão, foste despromovido? – ao que eu respondi que não, pois passara de ‘gatilógrafo’ a Técnico do Serviço de Material e até podia/devia andar de bata branca. Era este o espírito de amizade que se vivia naquele tempo, sempre com todo o respeito pela função e posto de cada um.

Durante esta segunda permanência no RC3 não posso deixar de recordar que ali, naquela região, ainda se faziam sentir os tempos do PREC, sendo ainda frequentes as saídas com EBR e Chaimites² para fazer patrulhamento, mas não tenho memória de, ao longo do tempo que ali estive, ter existido alguma perturbação que exigisse intervenção militar, antes pelo contrário, o ambiente em Estremoz era muito agradável e os militares muito bem aceites pela sociedade civil, na qual se integravam.

(2) Viatura blindada de transporte de pessoal.